

Editorial

Soberania Científica Brasileira

Fábula - *Um certo país tinha uma grande fábrica de aviões. Na verdade, uma das cinco maiores do mundo. Tal empresa era, também, uma das mais importantes exportadoras daquele país.*

Além de produzir aeronaves para o transporte comercial de passageiros, possuía uma importante linha de aviões para treinamento militar e até para patrulhamento de espaços aéreos. Estes últimos, pela própria destinação, podiam ser equipados com metralhadoras e bombas.

Os produtos eram sucessos internacionais nos segmentos em que operavam.

A empresa era um enorme orgulho para toda a nação, pois ocupava espaço em área estratégica para a soberania na tecnologia de aeronaves. Era nisso que o povo acreditava.

Sucedeu que, certa vez, um país fez uma grande encomenda de Super-Arara (o tal avião militar). Nesse momento, veio a público que a venda não poderia ser concretizada, uma vez que um terceiro país, que fornecia alguns componentes e algumas tecnologias para o Super-Arara, proibiu ao país comprador receber os aviões militares. O fato era baseado, apenas, em desavenças pessoais dos dois presidentes (país da encomenda e país que fornecia o componente). Isso porque os dois países em questão comercializavam entre si diversos outros produtos e não estavam em conflitos militares.

Ficou claro que a soberania do país fabricante daqueles aviões era duvidosa.

É reconhecido, hoje, que as funções maiores de uma universidade são gerar e difundir conhecimentos.

Evidente que essas ações devem estar incluídas na sociedade que envolve a instituição universitária e com ela exercitar fortes intercâmbios.

A geração de conhecimentos se dá através de pesquisas. Já a difusão de conhecimentos pode ser executada na forma de cursos curriculares, simpósios, palestras, fóruns, oficinas, entrevistas para mídia, publicação de opiniões em jornais, revistas e publicação em periódicos científicos, entre outras possibilidades.

A publicação em periódicos científicos pode ser com artigos originais, frutos de pesquisas clínicas ou experimentais, revisões e relatos de casos, principalmente.

É norma corrente no Brasil que, para um docente ser considerado importante professor de pós-graduação, um dos principais quesitos é ter publicações em periódicos científicos internacionais. Principalmente, aqueles bem colocados num ranking de revista com “alto índice de impacto”.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), órgão do Ministério da Educação, expõe critérios nos quais atribui níveis de periódicos e a quantidade que cada docente deve ter de publicação em determinado período (triênio). Ao mesmo tempo, cria porcentagens de docentes de um determinado curso com publicações nos níveis atribuídos aos periódicos e à quantidade de artigos. Tudo isso serve, junto a outros fatores, que na prática passam a ser secundários, para classificar os cursos de mestrado e doutorados em níveis de um a sete. Sendo sete o mais conceituado.

O fato é que a maioria dos periódicos publicados no Brasil está classificada como Nacional A ou B. E, para ter um curso de mestrado ou doutorado classificado nos melhores níveis e não ter o seu fim decretado, a CAPES exige produção internacional.

Como o número de periódicos científicos brasileiros, embora seja importante, está muito aquém das necessidades, os pesquisadores brasileiros, vinculados à pós-graduação, para cumprir as exigências dos avaliadores, mandam para o exterior os seus principais artigos. Isso gera um círculo vicioso para a evolução dos periódicos científicos brasileiros.

De outra forma, o fomento, quer seja financeiro, didático ou político para o aprimoramento da qualidade dos periódicos científicos nacionais, deixa a desejar. Com isso, evoluímos de maneira muito lenta para a formação de editores científicos, pareceristas e autores. Agrava, ainda, a situação, o fato citado por muitos professores: “só se publica no Brasil aquilo que é rejeitado em revista estrangeira”.

Acreditamos que é urgente uma reflexão sobre os assuntos aqui colocados. Desde o que se considera “índice de impacto” convidamos todos a ler o Editorial: Fator de Impacto, Produção Científica e Qualidade das Revistas Médicas Brasileiras - Impact Factor, Scientific Production and Quality os Brazilian Medical Journals escrito por José Rodrigues Coura, Editor Científico de Memórias do Instituto Oswaldo Cruz em <http://www.uff.br/revista15-2-2003/editorial.pdf> até a valorização da produção dos periódicos científicos nacionais.

Já se foi o tempo em que usávamos enormes livros do Index Medicus para procurar sobre um tema ou um autor. Há, hoje, aqueles que só valorizam as clássicas bases de dados como MedLine, SciELO, Lilacs, para citar algumas, quando procuram por literatura científica. Porém, cabe ressaltar que os periódicos científicos que existem, além da publicação tradicional em papel, e também de forma grátis em páginas na internet, podem ser

encontrados de maneira muito efetiva. Instrumentos como a www.scholar.google.com (leia-se Google Acadêmico) podem oferecer um espectro bem interessante para quem procurar por artigos científicos. Até porque esta última base de dados encontra aqueles que publicam no Brasil, em português e/ou em inglês e/ou em castelhano, ao mesmo tempo em que encontra os que escrevem apenas em inglês e no exterior. Diferentemente de outras situações, quando o periódico é oferecido gratuitamente na internet se consegue recuperar não só o resumo, mas o artigo completo. Basta, como de praxe, saber colocar as palavras-chave adequadas em cada idioma.

Somos de opinião de que todos devemos nos esforçar e valorizar-nos para um crescimento conjunto.

As instituições avaliadoras, das quais não conhecemos bem como são avaliadas, deveriam compartilhar um crédito de confiança para quem publica (editores, revisores e autores) em periódicos nacionais.

Posto que, mais valorizados, produziremos aqui muito mais e melhor.

A princípio pode ser descabido, mas até a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) poderia participar desse fortalecimento da publicação científica nacional colocando em seus quesitos para liberação de produtos no país a necessidade da apresentação de material científico publicado, também, no Brasil.

Mesmo que de maneira tênue, o desenvolvimento editorial científico no Brasil criaria mais empregos, mais renda, mais riqueza e poderia ser um importante passo para a soberania nacional. Pois, com toda a certeza, a soberania de um país passa pela soberania científica de seu povo.

MAURO ROMERO LEAL PASSOS

Editor-chefe